

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

## **EDUCAÇÃO ESCOLAR E NATALIDADE EM HANNAH ARENDT: ENTRE A CONSERVAÇÃO DO MUNDO E A ACOLHIDA DA NOVIDADE<sup>1</sup>**

**Óberson Isac Dresch<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa realizado no curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí

<sup>2</sup> Bolsista CAPES e aluno do Curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí.

### **1. INTRODUÇÃO**

Na sociedade atual há uma tendência que defende que tudo precisa estar em constante avanço, progresso e inovação. Não é mais permitido parar no tempo, muito menos pretender “parar o tempo”. Essa é uma lógica de constante mutação, rumo a uma direção que ninguém sabe onde vai dar. Quem não acompanha esse processo, acaba ficando para trás, sendo considerado ultrapassado e até retrógrado.

A educação também vem sendo concebida sob este viés paradigmático. Consequência visível é a demanda constante por novidades na escola, alegando ter em vista um ensino atualizado e mais compatível com o mundo presente. É defendida, então, a introdução de novas tecnologias, a reorganização curricular, a necessidade de metodologias inovadoras, de aulas mais dinâmicas e práticas, de um acesso mais rápido às informações, a aquisição de equipamentos de última geração capazes de acompanhar essa velocidade alucinante, entre outros aspectos.

Na educação em crise, existe algo que transcende os entraves geralmente apontados. Tal problemática requer mais que reformas pontuais ou soluções provenientes do acompanhamento dos avanços ocorridos na sociedade, principalmente no que diz respeito a adaptação do ensino às novas tecnologias. A crise educacional dos séculos XX e XXI vincula-se à abdicação feita por parte da sociedade e dos professores acerca da pergunta pelo sentido do educar. Debates em torno da metodologia a ser adotada, da relação entre novas tecnologias e ensino, dos casos de (falta de) infraestrutura das escolas, das ocorrências de (in)disciplina e do tipo de avaliação da aprendizagem têm sua importância; contudo, em sua base, há a preocupação sobre a razão de ser ou a respeito daquilo que Arendt entende ser a essência da educação: a natalidade.

Em A crise na educação (capítulo do seu livro intitulado Entre o passado e o futuro), Arendt argumenta que a própria crise oportuniza investigar a raiz da questão exposta na sua nudez. Estaria aí a essência da educação: a natalidade, quer dizer, “o fato de que seres nascem para o mundo” (2013, p. 223). Segundo Silva e Fávero (2012, p. 31), “La natalidade no significa apenas nacer, sino constituye un nuevo inicio del mundo. Es la natalidade la que possibilita que los humanos habiten el mundo, modifiquen su contexto, interfieran en los acontecimientos de la vida”.

Correia (2007, p. 10) compreende o nascimento como “um milagre que salva o mundo de sua ruína”. A novidade representa uma nova capacidade de agir e de iniciar algo diferente, renovando o mundo e, por conseguinte, interferindo na renovação da educação. A novidade e imprevisibilidade provocada pelo nascimento de indivíduos instiga a escola a acolher esses “corpos estranhos” no

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

mundo já constituído, protegendo-os em seu desenvolvimento. Afinal, é neles que permanecerá viva, enquanto sujeitos potenciais de ação e de pensamento, a continuidade e a renovação do mundo.

O trabalho objetiva pensar a educação atual a partir do conceito de natalidade e dos desafios nascidos com cada geração. Busca-se defender, através de um movimento interpretativo dialógico entre tradição e novidade, que a conservação do mundo através da educação escolar é condição de possibilidade de introduzir as crianças e adolescentes nesse mundo e, a partir disso, promover a sua própria renovação.

## 2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como bibliográfico, concentrando-se em livros e textos que abordam a temática da crise educacional, tendo como principal referência a autora Hannah Arendt. A pesquisa está orientada por uma perspectiva histórico-interpretativa, escolhendo o conceito arendtiano de natalidade para pensar a dialógica ininterrupta entre conservação e renovação do mundo comum. Com base nisso, objetiva pensar desdobramentos para o ensino escolar, particularmente aquele realizado em nível de formação básica.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação escolar, ao ser pensada na dinâmica dialógica entre a tradição construída pelas diferentes gerações e as novidades e demandas recém-nascidas, requer, principalmente dos adultos, um esforço compreensivo. Primeiramente, compreender o mundo do qual são parte e que, em boa medida, também receberam como herança. Paralelamente a isso, estar disposto e aberto para compreender a novidade incessante a causar tensionamentos com o já solidificado e edificado, com teorias e explicações apresentadas e aceitas entre os humanos.

A crise na educação, segundo Arendt (2013, p. 223), proporciona “investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu”. As respostas dadas, ainda hoje aceitas ou ignoradas, lembram algo fundamental para o campo educacional: que foram tentativas de responder a interrogações. São essas perguntas, investigadas em sua origem e refeitas no contexto do século XXI, que conclamam novamente para um estudo atento e aberto às dificuldades emergentes. Conclui a autora: “Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos” (ARENDR, 2013, p. 223).

A compreensão da crise educacional requer mais que um entendimento isolado, que uma leitura feita unicamente sob o ponto de vista do passado ou do presente. Nem a conservação nem a inovação do ensino escolar, por si só, resolverão os impasses. Todavia, a interpretação da problemática convida a considerar o mundo, a tradição. Segundo Cossetin (2002, p. 11), o que resta em nós é o passado, “isto é, o mundo de sentidos de que somos constituídos. Não podemos, portanto, nem pensar, sequer falar, no passado como algo marcado no tempo. Ele já está sempre marcando a sua presença aqui e agora”.

Schneider (2008, p. 86) também segue essa ideia ao argumentar: “Todo passado está no útero do presente e participa inevitavelmente de toda a nova compreensão em gestação (...). Nunca se vê

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

como passado, pois toda a definição objetiva já é instauração”. Sendo assim, a novidade nascida com cada geração é nova justamente porque é filha de uma tradição milenar, e que, sem ela, seria órfã e apátrida. Ao passo que essa mesma tradição, se fechada à natalidade, fica velha e asilada.

A educação escolar atual é herdeira do passado. Este participa da constituição ontológica do educar, que não poderia ser sem ser o que tinha sido. Não se cogita, com isso, que todo o pretérito educacional deva ser mantido intacto, servindo de modelo para a educação escolar do presente; nesse caso, algumas barbáries correm o risco de entrar em cena. No entanto, o passado encontra-se grávido do novo, seja pela resignificação daquilo que é conservado ou pela novidade trazida pelos recém-chegados. Todo dinamismo instaurado pela continuidade das gerações inclui o arcabouço tradicional; o presente e o futuro são, pois, devedores do que foi.

Acerca da necessidade de uma reconsideração do passado, D’Allonnes apud. Batalhone Jr. (2011, p. 337) escreve que “começar é começar a continuar. Porém continuar é, também, continuar começando”. Não há conservação sem renovação, tampouco pode haver renovação sem conservação. Nesse sentido, caberia à educação preservar a tradição, dando oportunidade para as novas gerações interpretarem-na à luz de suas próprias perspectivas.

Há algo que parece ser indispensável de acordo com Arendt: a responsabilidade dos adultos, particularmente dos professores, pelo mundo e pelas crianças. Por um lado, o mundo, com toda a sua riqueza tradicional e cultural, precisa ser cuidado e conservado, a fim de que tudo aquilo que foi sendo gestado pela humanidade não seja perdido, esquecido ou até mesmo arruinado. Sendo assim, “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens” (ARENDDT, 2013, p. 247).

Por outro lado, nosso amor de educadores exige que não abandonemos as crianças aos caprichos e perigos do mundo. Há situações que os novos não estão preparados para enfrentar sozinhos, e riscos aos quais não podem simplesmente estar expostos. Isso poderia sufocar a novidade que acompanha cada membro da nova geração, tirando-lhe prematuramente suas potencialidades de continuação da história. Portanto,

a educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 2013, p. 247).

Garcia (2012, p. 73-74) reforça essa dupla responsabilidade dos adultos, a saber, para com o mundo e as crianças, ao afirmar:

em sociedades republicanas constitucionais pais, educadores e políticas públicas são os responsáveis diretos pelos cuidados do mundo e das crianças: em termos e medidas distintas esses agentes devem orientar as crianças para o desenvolvimento autônomo de suas capacidades e protegê-las das despropositadas tentativas recentes de separar o mundo das crianças do mundo dos adultos, de entregá-las a si mesmas, de insistir em igualar o que é diferente, em substituir a transmissão do conhecimento pelo brinquedo etc etc etc.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

O nosso trabalho junto as escolas e outros espaços de ensino insiste em acreditar que nossa vocação está em compartilhar o que sabemos, ensinando os recém-chegados o que devem conhecer para conviver em um mundo comum.

#### 4. CONCLUSÕES

O contexto contemporâneo, no conjunto de seus desafios, perigos e possibilidades, não pode abrir mão da retomada e releitura do passado. A educação escolar encontra na tradição um campo fecundo para pensar nossa condição humana e muitas das questões nela implicadas. Trata-se de uma tentativa de preservar o mundo e as crianças em consonância ao dinamismo do presente. Abrir mão de nossa responsabilidade pelo mundo e pelos recém-chegados representa indiferença pela continuidade do mundo, ignorância perante os desafios do presente e fuga em relação ao compromisso de construção da história futura.

À medida que a educação insiste na preservação e/ou formação do mundo comum, atentando para o sentido que nos liga aos outros indivíduos e que nos congrega em uma comunidade, ela nos faz referenciar o nosso pensamento à diversidade de todos os outros pensares, permitindo-nos uma vida perpassada pela pluralidade e a deliberação, a cidadania e a participação, a igualdade e a distinção, o velho e o novo... como partes dialogicamente complementares de um mesmo todo.

É razoável encontrar um caminho alternativo entre a lógica do saudosismo ao sistema antigo e a do seu rechaçamento, apostando somente no novo. Entre a ressignificação do passado e o dinamismo do presente existem elementos vitais para a continuidade de um mundo comum. A conservação do mundo através da educação escolar apresenta-se como condição de possibilidade de introduzir as crianças e adolescentes nesse mundo e, a partir disso, promover a sua própria renovação.

5. PALAVRAS-CHAVE: Tradição; Passado; Recém-chegados; Nova geração; Mundo comum.

#### 6. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pelo oportunidade de cursar o doutorado; à CAPES, pelo financiamento dos estudos e pesquisas; e aos colegas alunos e professores que se (pre)ocupam com a educação escolar.

#### 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BATALHONE JR., Vitor ClareT. O poder dos começos: uma reflexão sobre a autoridade. Publicado em: nov./dez. 2011, p. 331 – 337. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/278/219>. Acesso em 02 maio 2015.

CORREIA, Adriano. Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

COSSETIN, Vânia Lisa. Apresentação. In: GARCIA, Claudio Boeira; BACKES, Edirles Mattje; VERONESE, Luciane Gbeller (orgs.). Linguagem, Escrita e Mundo. Série Educação nas Ciências, n. 4. Ijuí: Unijuí, 2002, p. 07 – 12.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

GARCIA, Claudio Boeira. Arendt: referências republicanas de A crise na educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edison Alencar (orgs.) Leituras sobre Hannah Arendt: Educação, Filosofia e Política. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 71-84.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. A Contradição da Linguagem em Walter Benjamin. Ijuí: Unijuí, 2008.

SILVA, Lizeth C. Alfonseca; FÁVERO, Altair Alberto. Hannah Arendt y su condición humana. In: FÁVERO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edison Alencar (orgs.). Leituras sobre Hannah Arendt: Educação, Filosofia e Política. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 19-38.